

**O paratexto do tradutor como importante elemento
para a inteligibilidade da obra traduzida:
o caso de *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo**

*The translator's paratext as an important element
for the intelligibility of the translated work:
the case of Conceição Evaristo's Ponciá Vicêncio*

Marcela Iochem Valente

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
marcellaiv@ig.com.br

Resumo: O presente artigo visa discutir a importância dos comentários que acompanham algumas traduções, ressaltando a sua relevância para a inteligibilidade da obra traduzida em seu contexto de recepção. Com base na teoria do paratexto proposta por Gérard Genette e Patrizia Collina Bastianetto, abordaremos alguns elementos paratextuais que acompanham a obra *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo, em suas traduções para o francês (2015) e para o inglês (2007), ressaltando a importância desse diálogo entre tradutor e leitor na construção de sentidos.

Palavras-chave: *Ponciá Vicêncio*; tradução; paratexto; diálogo; inteligibilidade.

Abstract: This article aims to discuss the importance of the comments that accompany some translations, highlighting its relevance to the intelligibility of the translated work in its target context. Based on the paratext theory proposed by Gérard Genette and Patrizia Collina Bastianetto, we intend to discuss some paratextual elements that accompany Conceição Evaristo's novel *Ponciá Vicêncio* (2003), in its translations into French (2015) and English (2007), stressing

the importance of this dialogue between translator and reader in the construction of meaning.

Keywords: *Ponciá Vicêncio*; translation; paratext; dialogue; intelligibility.

Recebido em 1 de julho de 2015

Aprovado em 25 de setembro de 2015

Considerações iniciais

O romance *Ponciá Vicêncio*, da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, foi publicado em 2003 pela editora Mazza, com uma reimpressão em 2005 e uma edição de bolso lançada em 2006, pela mesma editora, por conta das indicações do livro como leitura obrigatória para o vestibular de instituições mineiras como a Universidade Federal de Minas Gerais e o Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, entre outras. Embora o romance tenha tido três tiragens no Brasil, Conceição Evaristo e sua obra ainda não são muito conhecidas do público brasileiro em geral. Mesmo na academia, no universo das letras, não só o conceito de literatura afro-brasileira é questionado por alguns, como também Conceição Evaristo e sua obra geralmente não alcançam grande visibilidade fora dos estudos de gênero e etnia. Ainda assim, é relevante o fato de que o romance em questão tenha sido selecionado por editoras estrangeiras para ser traduzido para as línguas inglesa e francesa.

Ponciá Vicêncio foi traduzido para o inglês por Paloma Martinez-Cruz, professora assistente de Estudos de Cultura e Literatura Latina no Departamento de Espanhol e Português da Universidade Estadual de Ohio, e publicado pela editora estadunidense Host, em 2007. Em 2010, dada a surpreendente procura pela obra de Evaristo nos Estados Unidos, a editora produziu uma reimpressão da obra, incluindo até mesmo alguns exemplares em capa dura, conforme afirma um representante da editora em entrevista publicada na tese de doutorado *A tradução e a construção de imagens culturais: Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, e sua tradução para o inglês*.¹

¹ VALENTE. *A tradução e a construção de imagens culturais: Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, e sua tradução para o inglês, p. 146.

Recentemente, em 2015, no Salão Internacional do Livro, em Paris, *Ponciá Vicêncio* ganhou vida também em francês, pela editora Anacaona, que lançou *L'Histoire de Poncia*, com tradução de Patrick Louis e Paula Anacaona, tradutora, dona da editora e interessada em literatura não canônica e não divulgada por grandes editoras, principalmente aquelas provenientes da periferia. Embora a tradução seja bastante recente, a própria escritora se mostrou surpresa com a acolhida que *L'Histoire de Poncia* recebeu durante o evento na França, como veremos mais adiante no presente trabalho.

Ponciá Vicêncio, no contexto estadunidense, e *L'Histoire de Poncia*, no contexto francófono, são acompanhados de paratextos que se mostram fundamentais à inteligibilidade da obra para o leitor das traduções. Assim, com base na teoria do paratexto como proposta por Gérard Genette² e Patrizia Collina Bastianetto,³ o presente artigo pretende discutir a importância dos paratextos, principalmente aqueles produzidos por tradutores, para a compreensão de uma obra traduzida em seu contexto de recepção.

Conhecendo um pouco de Evaristo e de sua *escrevivência*

Conceição Evaristo, nascida em Belo Horizonte, em 1946, em uma família humilde, trabalhou, desde muito jovem, com sua mãe e sua tia nos afazeres domésticos para ajudar a família. Mesmo vivendo em um cenário de grande dificuldade financeira, Evaristo aprendeu a ler e a escrever, e, desde jovem, já se aventurou no universo da literatura. Ainda em seus tempos de escola primária, em 1958, ganhou o seu primeiro prêmio de literatura, vencendo um concurso de redação na escola.⁴ Evaristo revela que sua adolescência fora marcada pela escrita: um diário, sensíveis redações, pequenos contos e poesias, material que a escritora afirma ter perdido ao longo do tempo: “[r]asguei, queimei, joguei fora”.⁵

Mesmo em meio a grandes dificuldades para levar os seus estudos adiante, e com vários momentos de interrupção, Evaristo

² GENETTE. *Paratexts, Thresholds of Interpretation*.

³ BASTIANETTO. As funções do paratexto para a inteligibilidade da obra traduzida.

⁴ EVARISTO. Conceição Evaristo por Conceição Evaristo.

⁵ LIMA. O comprometimento etnográfico afro-descendente das escritoras negras Conceição Evaristo & Geni Guimarães, p. 154.

concluiu o curso normal em sua cidade enquanto trabalhava como doméstica e, posteriormente, em 1973, migrou para o Rio de Janeiro, onde, mais tarde, foi aprovada em concurso público para o magistério, na cidade de Niterói. Optando por prosseguir com seus estudos, cursou graduação Letras, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestrado em Literatura Brasileira, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e doutorado em Literatura Comparada, na Universidade Federal Fluminense.

Em se tratando de sua produção, além das constantes publicações de contos e poemas na série *Cadernos Negros*, Evaristo é autora dos romances *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da memória* (2006), ambos publicados pela editora Mazza, tendo o primeiro sido traduzido para o inglês, em 2007, e para o francês, em 2015, como já mencionamos. Fazem parte de sua produção também três coletâneas: *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008) – coletânea de poemas, *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011) – coletânea de contos, ambas publicadas pela editora Nandyala, e *Olhos d'água* (2015) – coletânea de contos, publicada pela editora Pallas. Evaristo também publica trabalhos acadêmicos, além de proferir inúmeras palestras no Brasil e no exterior.

Mesmo que no Brasil a escritora ainda não tenha alcançado visibilidade e reconhecimento de mérito, a sua obra vem sendo cada dia mais estudada, embora em segmentos específicos. É comum encontrarmos trabalhos sobre Evaristo e sua obra sendo apresentados em congressos e eventos em geral da área Letras que contemplem o contexto dos estudos de gênero e etnia. Temas como a questão da negritude no Brasil, o período pós-abolicionista e a experiência dos escravos libertos e suas famílias, o mito da democracia racial, entre outros são constantemente discutidos com base na literatura da escritora, em eventos, artigos, teses e dissertações.

Porém, o interesse por Evaristo e sua produção literária não está restrito ao Brasil. Nos últimos anos, é notável que, cada dia mais, Evaristo vem ganhando visibilidade em outros países através da tradução de suas obras. Além de *Ponciá Vicêncio*, que já alcançou a sua sobrevida em inglês e em francês, a escritora possui vários de seus poemas e contos já traduzidos para a língua inglesa, além de traduções para o alemão. Fragmentos da sua obra podem ser encontrados em coletâneas e antologias estrangeiras que se ocupam da temática étnico-racial negra, como: a revista *Callaloo*, da Universidade Johns Hopkins (1995 e 2007);

Moving Beyond Boundaries: International Dimension of Black Women's Writing (1995), *Finally Us: Contemporary Black Brazilian Women Writers* (1995), a coletânea estadunidense *Fourteen Female Voices From Brazil* (2002); a coletânea bilíngue *Women Righting: Afro-Brazilian Women's Short Fiction* (2005); as antologias alemãs *Schwarze Prosa e Schwarze Poesie* (1993), além de *Chimurenga People* (2007), publicada na África do Sul, e *Como se o mar fosse mentira* (2006), publicada em Angola, apenas para citar algumas.

Somando-se às traduções de sua obra e suas diversas publicações no exterior, a escritora tem proferido inúmeras palestras sobre a literatura afro-brasileira em outros países, em eventos como a 7th International Caribbean Women Writers and Scholars Conference, em Porto Rico, a X Feira Internacional do Livro em Havana, Cuba, e o Salão Internacional do Livro, em Paris, além de eventos nas universidades de Yale, Columbia, Tennessee, Brown e Iowa, nos Estados Unidos.

No Salão Internacional do Livro, em Paris, que aconteceu em março de 2015, Conceição Evaristo foi surpreendida com o grande assédio e reconhecimento que teve por conta de seu romance *Ponciá Vicêncio*, que estava sendo lançado em francês durante o evento. Em uma matéria publicada no jornal *Folha de S.Paulo*, em 23 de março de 2015, ao falar sobre a repercussão de sua participação na feira, a escritora afirmou que o

[seu] caso chama a atenção porque não é muito comum uma escritora brasileira negra participar de uma feira internacional. A gente fica como fruta rara. [...] a presença negra fora das instâncias em que se está acostumado a vê-la causa furor [...] não seria a mesma coisa se isso aqui fosse um festival de gastronomia em que baianas estivessem preparando acarajés.⁶

Com essa afirmação, a escritora evidencia o seu lugar de enunciação como uma escritora negra, brasileira, mulher, que busca, através de sua produção e de seu posicionamento engajado, dar voz à população negra em nosso país, contando histórias antes apagadas e valorizando elementos culturais antes deixados à margem pelo discurso hegemônico.

⁶ EVARISTO *apud* NEVES. Negra em Salão do Livro causa furor, diz autora brasileira, [s.p.].

Um conceito fundamental na obra de Evaristo é o de *escrevivência*. Para a escritora, esse conceito trata da união que existe entre a ficção e as experiências próprias de vida que dão origem à sua escrita: “Escrevo. Deponho. Um depoimento em que as imagens se confundem, um eu agora a puxar um eu-menina pelas ruas de Belo Horizonte. E como a escrita e o viver se con(fundem), sigo eu nessa escrevivência a lembrar de algo que escrevi”.⁷

Como a literatura de Evaristo objetiva valorizar a cultura negra e também lança luz sobre um passado de opressão e exclusão afrodescendente, a escrevivência acaba por possuir um forte caráter político e ideológico que visa trazer reflexões e questionamentos. Em sua fala na Primeira Conferência de Escritoras Brasileiras em Nova York, em 16 de outubro de 2009, na Biblioteca Brasileira de Nova York (Brazilian Endowment for the Arts – BEA), Evaristo salienta esse seu posicionamento afirmando que “a nossa escrevivência não pode ser lida como história para ninar os da casa grande e sim para acordá-los de seus sonos injustos”.⁸

Falando de *Ponciá Vicêncio*, de forma muito resumida, e em linhas gerais, o romance nos apresenta a trajetória da protagonista Ponciá, desde sua infância no campo até a idade adulta na cidade grande e, posteriormente, retornando à sua terra de origem. Mulher negra e descendente de escravos, Ponciá teve grandes perdas durante sua vida: pai e avô falecidos, mãe e irmão desaparecidos, sete filhos gerados e perdidos. Neta de escravos e filha de um homem beneficiado pela Lei do Ventre Livre, a menina e sua mãe, Maria Vicêncio, cuidam dos afazeres domésticos e da produção de utensílios de barro que vendem nas proximidades da Vila Vicêncio, onde moram. Seu pai e seu irmão trabalham na lavoura, ficando dias longe de casa. As terras em que Ponciá e sua família viviam pertenciam ao coronel Vicêncio, que alegava que tais terras seriam um “presente de libertação. E, como tal, podiam ficar por ali, levantar moradias e plantar seus sustentos. Uma condição havia, entretanto, a de que continuassem todos a trabalhar nas terras”.⁹ Quando adulta, depois da morte repentina de seu pai e insatisfeita com a vida que levava, Ponciá decide buscar algo melhor na cidade grande. Após

⁷ EVARISTO. Conceição Evaristo por Conceição Evaristo, [s.p.].

⁸ Vídeo disponível em: <<https://goo.gl/1yGCIL>>.

⁹ EVARISTO. *Ponciá Vicêncio* (2006), p. 48.

dificuldades iniciais e uma noite junto a mendigos na porta da igreja, onde chega a desejar sua volta ao campo, Ponciá consegue um emprego como empregada doméstica. Depois de muitos anos consegue comprar um quartinho em um morro na periferia da cidade grande e então volta ao povoado em busca de sua mãe e seu irmão, porém depara-se com a casa vazia. Seu irmão e sua mãe, em momentos diferentes, partem para a cidade na esperança de encontrarem uns aos outros, mas a história é cheia de desencontros. Por fim, na estação de trem da cidade grande, a família finalmente se reencontra e retorna ao campo após perceber que a cidade não trouxe a tão sonhada vida melhor.

Ao longo de todo o romance, Ponciá questiona a vida que leva, questiona o fato de não ser mais escrava, por ser beneficiada pelas leis Aurea e do Ventre Livre, mas viver uma vida escrava, seja nas terras dos antigos donos, seja na condição degradante que encontrou na cidade grande:

De que valera o padecimento de todos aqueles que ficaram para trás? De que adiantara a coragem de muitos em escolher a fuga, de viverem o ideal quilombola? [...] A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida.¹⁰

Obras como *Ponciá Vicêncio* apresentam muitos desafios para a tradução. Como possuem muitos elementos históricos e muitas questões ideológicas que podem não ser claras ao leitor da tradução, é necessário que o tradutor dialogue com a cultura de chegada, não apenas traduzindo, mas também tornando a obra o mais inteligível possível, por meio de comentários.

No caso de *Ponciá Vicêncio*, a tradução para a língua inglesa é acompanhada de um prefácio em que a tradutora tem a oportunidade de dialogar com o leitor, esclarecendo uma série de questões, apontando dificuldades encontradas por ela ao longo do processo de tradução e ainda apresentando alguns elementos da cultura e da história brasileiras para o leitor da tradução. No caso da tradução para o francês, também temos a presença de paratextos muito relevantes. Embora a função do prefácio

¹⁰ EVARISTO. *Ponciá Vicêncio* (2006), p. 83.

oferecido nessa tradução seja diferente da do prefácio presente na edição em língua inglesa, já que se trata de um texto da própria escritora trazendo alguns dados biográficos, a edição em francês traz ainda algumas notas do tradutor que esclarecem muitas questões para o leitor da cultura de recepção. Provavelmente, sem os comentários dos tradutores presentes nos textos em inglês e em francês, seria necessário que o leitor das traduções investisse em pesquisas sobre alguns dos elementos centrais na obra de Evaristo para que ela se tornasse inteligível.

Breves considerações sobre a teoria do paratexto

Os paratextos presentes nas traduções de *Ponciá Vicêncio* para o inglês e para o francês buscam levar um pouco da cultura (afro-)brasileira aos leitores estadunidenses e franceses, facilitando assim a compreensão de algumas referências importantes apresentadas por Evaristo ao longo do romance.

É importante notar a presença dos paratextos em questão, já que, na maioria das vezes, o tradutor, por diversas razões, não possui esse espaço, sendo invisível, nos termos de Lawrence Venuti.¹¹ E, no caso de uma obra tão cheia de elementos culturais específicos, como *Ponciá Vicêncio*, “[o]s elementos paratextuais são significativos para uma boa inteligibilidade, pois eles têm relevância na constituição do significado”.¹²

Em *Paratexts, Thresholds of Interpretation*, Gérard Genette define paratextos como produções verbais ou não verbais que não só acompanham uma obra literária, mas também a apresentam ao mundo.¹³ Em se tratando dos prefácios, eles podem ser produzidos pelo próprio autor, pelo tradutor, pelas editoras ou por especialistas da área em questão. Genette nomeia de prefácio original¹⁴ aquele produzido pelo autor do livro, com o objetivo de apresentá-lo e alcançar uma recepção positiva, geralmente escrito por conta de seu lançamento; e de prefácio alográfico¹⁵ aquele escrito por uma terceira pessoa, com o objetivo de fornecer informações sobre a obra e/ou o autor. Embora Genette não teorize sobre os paratextos de obras traduzidas,

¹¹ VENUTI. Translation as Cultural Politics: Regimes of Domestication in English.

¹² BASTIANETTO. As funções do paratexto para a inteligibilidade da obra traduzida, p. 55.

¹³ GENETTE. *Paratexts, Thresholds of Interpretation*, p. 1.

¹⁴ GENETTE. *Paratexts, Thresholds of Interpretation*, p. 197.

¹⁵ GENETTE. *Paratexts, Thresholds of Interpretation*, p. 265.

a função dos paratextos que encontramos em traduções é semelhante à descrita pelo autor. Em traduções, quando os prefácios existem, eles geralmente buscam apresentar a obra, e/ou o autor, porém são escritos por terceiros, algumas vezes pelo tradutor, outras por pessoas escolhidas pelos editores, e apenas às vezes falam sobre o projeto tradutório e sobre o processo de tradução em si. O fato é que os prefácios, assim como os posfácios, as introduções, as notas do tradutor, os paratextos em geral, são espaços “onde o tradutor pode falar sobre seu trabalho, seja apresentando e justificando seu projeto tradutório, seja apontando alguns dos desafios enfrentados e as soluções encontradas”.¹⁶ O paratexto pode funcionar como uma espécie de “registro do tradutor como agente ativo do processo tradutório”¹⁷ e, por isso, deve ser observado por leitores e pesquisadores e defendido pelo profissional da tradução.

Nos Estudos da Tradução, encontramos teóricos que chamam a atenção para a importância do paratexto nas obras literárias (traduzidas ou não). Entre eles certamente está André Lefevere, que tem como principal interesse de estudo “os intermediários que não escrevem a literatura, mas a reescrevem, tornando-se corresponsáveis pela recepção geral e pela sobrevivência de obras literárias entre leitores não-profissionais”.¹⁸ Segundo Lefevere, a literatura comumente alcança o público geral através de imagens construídas pelas suas traduções ou, ainda, por antologias, que fazem recortes e seleções, textos críticos, que apresentam leituras dos textos literários, e aqui podemos incluir também os paratextos em geral.¹⁹ Paratextos como prefácios e notas de rodapé “podem explicitar implícitos de difícil apreensão para o leitor do texto traduzido e, igualmente, explicitar subentendidos presentes no texto da língua de partida, cujos pressupostos não são compartilhados pelos leitores do texto na língua de chegada”.²⁰

O fato é que muitas vezes as obras traduzidas não são acompanhadas de paratextos. Segundo Jorge Almeida Pinho, uma série de fatores contribuem para isso, como: a limitação no número de páginas concedidas pelos editores para as possíveis considerações dos tradutores;

¹⁶ PESSOA. O paratexto e a visibilidade do tradutor, p. 21.

¹⁷ PESSOA. O paratexto e a visibilidade do tradutor, p. 48.

¹⁸ CARNEIRO. *Contribuições para uma teoria do paratexto do livro traduzido: caso das traduções de obras literárias francesas do Brasil a partir de meados do século XX*, p. 71.

¹⁹ LEFEVERE. *Translation: Its Genealogy in the West*, p. 9-10.

²⁰ BASTIANETTO. *As funções do paratexto para a inteligibilidade da obra traduzida*, p. 68.

os prazos curtos para as traduções, que, muitas vezes, impedem que os tradutores produzam tais textos; e tradutores que também são autores de obras literárias e acabam por privilegiar informações biográficas ou estilístico-literárias em vez de informações sobre o ato tradutório.²¹ Além dos fatores apontados por Pinho, Carneiro ressalta mais um fator de grande importância, que é

[o] desinteresse das editoras, principalmente as maiores, em chamar atenção para o trabalho do tradutor. Ressaltar as considerações dos tradutores sobre o seu trabalho pode ter duas consequências, que os editores podem querer evitar: 1. o componente autoral do trabalho do tradutor pode pôr em dúvida a qualidade de certas traduções por parte do leitor (se as traduções são tão diferentes, algumas são melhores e outras piores); 2. se o ato tradutório é autoral e intelectual, envolvendo escolhas bem informadas, e não mecânico, deveria ser mais bem pago.²²

Assim, quando esses paratextos nos são oferecidos, eles merecem atenção especial. Em *Ponciá Vicêncio*, tanto em sua recente tradução para o francês quanto na edição em inglês os tradutores nos oferecem ricos paratextos.

O prefácio da tradutora em *Ponciá Vicêncio*: é relevante comentar a tradução?

Na tradução de *Ponciá Vicêncio* para o inglês, a tradutora, Paloma Martinez-Cruz, oferece ao leitor um prefácio de seis páginas, que busca “contextualizar alguns termos e alusões brasileiras”²³ que podem não ser claros para leitores não pertencentes a esse contexto. Ela ressalta que apresentará tais elementos em um texto introdutório, a fim de evitar interrupções com notas de rodapé ao longo do texto traduzido.

²¹ PINHO. *O escritor invisível*: a tradução tal como é vista pelos tradutores portugueses, p. 15.

²² CARNEIRO. *Contribuições para uma teoria do paratexto do livro traduzido*: caso das traduções de obras literárias francesas do Brasil a partir de meados do século XX, p. 87.

²³ MARTINEZ-CRUZ. Introduction, p. ii. Esta e as demais traduções são de minha responsabilidade.

O primeiro movimento do prefácio de Martinez-Cruz é apresentar algumas informações sobre as características da escrita de Conceição Evaristo e do romance em questão, traduzindo para o inglês algumas informações trazidas no prefácio do romance em português, escrito por Maria José Somerlate Barbosa (professora assistente do Departamento de Espanhol e Português na Universidade de Iowa). É possível perceber que a tradutora se preocupa em ressaltar a importância das questões raciais e sociais na escrita de Evaristo, apontando *Ponciá* como “a unique celebration of Afro-Brazilian womanhood”, “a Black Atlantic libertatory project”.²⁴

Em seguida, a tradutora oferece ao leitor algumas informações biográficas sobre a escritora e traz declarações da própria Conceição Evaristo, fornecidas em uma entrevista realizada em 2002 por Elzbieta Szoka, sócia da editora Host. E, então, Martinez-Cruz promete apresentar e contextualizar termos e alusões brasileiras presentes no romance para o leitor da tradução: “[m]y present remarks attempt to provide some context for Brazilian terms and allusions that may not be as immediate to their Western readers as to their Brazilian counterparts”.²⁵

Martinez-Cruz aborda em seu prefácio elementos como o candomblé, as favelas, a Lei Áurea e a Lei do Ventre Livre, ressaltando questões relacionadas à afrobrasilidade da escrita de Evaristo, fundamentais à compreensão do romance. A tradutora afirma que não quer correr o risco de silenciar elementos afro-brasileiros fundamentais em *Ponciá*: “it is fitting to strive for the greatest possible inclusion here, rather than to risk silencing the Afro-Brazilian transmissions of meaning that are central to her story”.²⁶

O presente artigo não pretende abordar com mais detalhes todos os comentários oferecidos pela tradutora em seu prefácio, mas gostaríamos de focar em dois elementos que consideramos fundamentais à inteligibilidade do romance: a Lei Áurea e a Lei do Ventre Livre.

²⁴ “uma celebração única da feminilidade afro-brasileira”, “um projeto libertatório do Atlântico Negro”. MARTINEZ-CRUZ. Introduction, p. i.

²⁵ “[m]inhas presentes observações buscam fornecer alguma contextualização para termos e alusões brasileiras que podem não ser tão imediatos para os seus leitores ocidentais como são aos leitores brasileiros”. MARTINEZ-CRUZ. Introduction, p. ii.

²⁶ “é oportuno se esforçar para a inclusão do máximo de informações possíveis aqui, em vez de correr o risco de silenciar as transmissões afro-brasileiras de significado que são centrais para sua história”. MARTINEZ-CRUZ. Introduction, p. ii.

A família Vicêncio, retratada no romance de Evaristo, sofreu com a reminiscência de seu passado de escravidão. O pai de Ponciá era “[f]ilho de ex-escravos, crescera na fazenda levando a mesma vida dos pais. Era pajem do sinhô-moço. Tinha a obrigação de brincar com ele. Era o cavalo onde o sinhô-moço galopava sonhando conhecer as terras do pai”.²⁷ Ponciá se mostrava inconformada com a realidade em que sua família vivia, já que, teoricamente, eram livres e não mais escravizados. Esse inquietamento da protagonista fica muito claro ao longo de todo o romance para o leitor brasileiro, porém, provavelmente, não seria inteligível ao leitor da tradução, caso não houvesse o diálogo entre a tradutora e a cultura de chegada, através de comentários que auxiliam o leitor na construção de sentido. A tradutora explica que, com base em acontecimentos como a Lei do Ventre Livre (que ela traduziu como *Law of Free Birth*) e a Lei Áurea (traduzida como *Golden Law* no prefácio, porém mantida como Lei Áurea ao longo do texto), o Brasil construiu a imagem de uma democracia racial, contudo essa imagem não passou de um mito. Martinez-Cruz apresenta para o leitor a data dessas leis assinadas pela princesa Isabel e os seus objetivos, e comenta que

The legislature that was supposed to bring the nation a step closer to racial harmony did nothing to address the fact that Brazil was the last country in the Western hemisphere to abolish slavery, and had only done so under intense diplomatic and economic pressures from an international community that hoped to diminish Brazil’s advantages on the world market by disallowing the use of slave labor. Brazil’s “Redeemer”, as Princess Isabel came to be known, abolished slavery, but at the same [time] gave birth to an empty policy that dismissed the category of race from Brazilian political discourse.²⁸

²⁷ EVARISTO. *Ponciá Vicêncio* (2006), p. 17.

²⁸ “A lei que supostamente traria a nação para um passo mais perto da harmonia racial não fez nada para considerar o fato de que o Brasil foi o último país do hemisfério ocidental a abolir a escravidão, e só tinha feito isso sob pressões diplomáticas e econômicas intensas a partir de uma comunidade internacional que esperava diminuir as vantagens do Brasil no mercado mundial, não permitindo o uso de trabalho escravo. A “Redentora” brasileira, como a princesa Isabel veio a ser conhecida, aboliu a escravidão, mas, ao mesmo [tempo], deu luz a uma política vazia que rejeitou a categoria de raça no discurso político brasileiro.” MARTINEZ-CRUZ. Introduction, p. iv.

A compreensão dessas leis e de suas implicações no Brasil é de grande importância no romance, pois Ponciá se mostra indignada pelo seu não cumprimento, e isso só se torna inteligível para o leitor da cultura de chegada se houver a compreensão do objetivo dessas leis e da real situação desses negros no período pós-abolicionista:

O coração de muitos se regozijava, iam ser livres, ter moradia fora da fazenda, ter as suas terras e os seus plantios. Para alguns, Coronel Vicêncio parecia um pai, um senhor Deus. O tempo passava e ali estavam os antigos escravos, agora libertos pela “Lei Áurea”, os seus filhos, nascidos do “Ventre Livre” e os seus netos, que nunca seriam escravos. Sonhando todos sob os efeitos de uma liberdade assinada por uma princesa, fada-madrinha, que do antigo chicote fez uma varinha de condão. Todos, ainda, sob o jugo de um poder que, como Deus, se fazia eterno.²⁹

Em entrevista concedida a mim no dia 20 de março de 2013, apresentada na íntegra como um dos anexos da tese de doutorado defendida em 2013, a tradutora Paloma Martinez-Cruz comenta que era preciso haver espaço para apontar alguns dos caminhos da política racial brasileira, assim como a crítica de Evaristo às questões raciais no Brasil. “Uma princesa agitando uma varinha de condão, para um público afro-brasileiro, pode facilmente evocar a ideia da Princesa Isabel e da Lei Áurea, mas quisemos fornecer aos leitores estadunidenses a oportunidade de ter algumas informações sobre esta dinâmica”,³⁰ diz a tradutora. Aqui, mais uma vez, percebemos a preocupação de Martinez-Cruz em levar um pouco da cultura (afro-)brasileira ao leitor estadunidense.

Os elementos paratextuais em *L’Histoire de Ponciá*: Traduzir e Comentar?

L’Histoire de Ponciá também traz paratextos que merecem a nossa atenção. Diferentemente da tradução para o inglês, que traz um prefácio do tradutor que busca dialogar com o leitor da tradução a fim de explicar especificidades da cultura brasileira presentes na obra, o

²⁹ EVARISTO. *Ponciá Vicêncio* (2006), p. 49.

³⁰ VALENTE. *A tradução e a construção de imagens culturais: Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, e sua tradução para o inglês, p. 142.

prefácio da tradução para o francês é um texto que apresenta a escritora Conceição Evaristo para o leitor. O prefácio “Conceição Evaristo par Conceição Evaristo” é a tradução do discurso proferido pela escritora na Universidade Federal de Minas Gerais em maio de 2009, na Faculdade de Letras, durante o I Colóquio Escritoras Mineiras.

No discurso/depoimento em questão, de forma muito poética e literária, Evaristo nos conta um pouco sobre sua trajetória de vida, sua vivência e escrevivência, passando por seu nascimento em Belo Horizonte, algumas de suas memórias familiares, a pobreza em que vivia com sua família, sua mudança para o Rio de Janeiro, que possibilitou a sua atuação como professora, e a sua relação, desde cedo, com a literatura.

La limitation de l'espace physique et la pauvreté économique dans laquelle nous vivions trouvaient une compensation dans une fiction innocente, unique moyen dont je disposais pour vivre mes rêves, si à cette époque je n'avais aucune possibilité concrète de rompre la répétition des schémas sociaux que la vie nous imposait, rien ne venait cependant freiner mes désirs. [...]. De cette attention à la vie qu'elles nous ont apprise m'est resté l'habitude de chercher l'âme, l'intime des choses. De recueillir les restes, les morceaux, les vestiges, car je crois que l'écriture – tout du moins pour moi – est Le désir prétentieux de coucher le vécu. D'éterniser l'éphémère...³¹

Em seu depoimento, Evaristo também fala de questões raciais, muito importantes em sua escrita, questionando a cor parda que lhe foi imposta em seu registro de nascimento: “J’ai gardé pendant longtemps cet acte de naissance avec moi. Cette ‘couleur brune’ m’a toujours impressionnée,

³¹ EVARISTO. *L’Histoire de Poncia*, p. 12. No original: “A limitação do espaço físico e a pobreza econômica em que vivíamos eram resolvidas por meio de uma ficção inocente, único meio possível que me era apresentado para viver os meus sonhos. Se naquela época eu não tinha nenhuma possibilidade concreta de romper com o círculo de imposições que a vida nos oferecia, nada, porém freava os meus desejos. [...] E desse assunto a vida, que foi ensinado por elas, ficou essa minha mania de buscar a alma, o íntimo das coisas. De recolher os restos, os pedaços, os vestígios, pois creio que a escrita, pelo menos para mim, é o pretensioso desejo de recuperar o vivido. A escrita pode eternizar o efêmero” (EVARISTO. *Conceição Evaristo por Conceição Evaristo*, [s.p.]).

depuis toute petite. Quelle était cette couleur qui m'appartenait? Question sans réponse. Mais je savais – oui, j'ai toujours su que je suis Noire”.³²

Além do prefácio que acompanha a tradução de *Ponciá Vicêncio* para o francês, outro elemento paratextual muito relevante à inteligibilidade da obra para o leitor da tradução são as notas do tradutor, que aparecem ao longo do romance, tendo início, na verdade, já no prefácio. As 15 notas oferecidas em *L'Histoire de Poncia* buscam explicar alguns elementos fundamentais na obra de Evaristo que não ficariam claros ao leitor do contexto de recepção se o tradutor não tivesse oferecido comentários ao longo do texto.

Ainda no prefácio, no trecho citado anteriormente, sobre a questão da cor da escritora declarada em seu registro de nascimento, que sempre a incomodou, temos uma nota dos tradutores explicando o que seria uma pessoa de *couleur brune* no Brasil. Em seu comentário, dialogando com os leitores do texto traduzido, os tradutores esclarecem que “[l]’adjectif ‘brun(e)’, *pardo(a)*, est souvent utilisé au Brésil pour décrire la couleur d’une personne et éviter l’adjectif ‘noir’. La couleur de peau est indiquée sur les documents d’identité brésiliens”,³³ explicando que a cor da pele, no Brasil, é mostrada no documento de identificação e que “pardo” é um adjetivo frequentemente usado no país para substituir a cor preta/negra. Porém, como vimos, essa substituição sempre incomodou Evaristo, uma escritora comprometida com a causa das mulheres negras em seu país.

Embora não seja o nosso objetivo neste artigo explorar todas as notas do tradutor apresentadas em *L'Histoire de Poncia*, fica claro que os tradutores se preocuparam em dialogar com os leitores através dos paratextos oferecidos, contribuindo no processo de construção de sentido durante a leitura do texto, tornando-o inteligível, mesmo com todas as diferenças culturais entre os contextos de partida e de chegada da tradução. As notas que explicam termos relacionados à cultura afro-brasileira, aquelas que tratam de questões relacionadas ao passado de escravidão em nosso país ou ainda aquelas que esclarecem termos relacionados à pobreza no Brasil se mostram fundamentais à compreensão da obra em questão.

³² EVARISTO. *L'Histoire de Poncia*, p. 5. No original: “Tive esse registro de nascimento comigo durante muito tempo. Impressionava-me desde pequena essa cor parda. Como seria essa tonalidade que me pertencia? Eu não atinava qual seria. Sabia sim, sempre soube que sou negra” (EVARISTO. Conceição Evaristo por Conceição Evaristo, [s.p.]).

³³ EVARISTO. *L'Histoire de Poncia*, p. 5.

Considerações finais

Neste artigo buscamos compreender a importância do paratexto como espaço para o diálogo entre tradutor e leitor. No caso do romance *Ponciá Vicêncio*, da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, os paratextos oferecidos nas traduções para a língua inglesa, publicada no contexto estadunidense em 2007, e para a língua francesa, publicada no contexto francês em 2015, são fundamentais para a compreensão geral da obra. Para que se tornem mais acessíveis ao leitor da cultura de chegada, é muito positivo quando obras ricas em elementos culturais, como a de Evaristo, estão acompanhadas de elementos paratextuais, de comentários do tradutor.

Acreditamos que, principalmente em se tratando de obras produzidas por escritores pouco conhecidos, de contextos não hegemônicos, o uso de paratextos na tradução seja fundamental à inteligibilidade do texto para o leitor da cultura de recepção. Embora haja certa dificuldade por parte dos tradutores para a utilização desse canal de diálogo com os leitores, como vimos, as traduções que oferecem esse espaço de diálogo entre tradutor e leitor tendem a ser mais ricas e a oferecer ao leitor da tradução mais aspectos da cultura de partida, em vez de simplesmente apagá-los e negá-los à cultura de chegada.

Certamente o fato de a Host ser uma editora pequena e de Paloma Martinez-Cruz ser uma tradutora com formação diferenciada influenciaram na decisão da editora de permitir que o prefácio fosse publicado. No caso da Anacaona, o fato de a própria Paula Anacaona, dona da editora, ter participado da tradução da obra e ser conhecedora da cultura brasileira e principalmente das produções literárias “marginais”, como ela aponta em entrevista ao Itaú Cultural, em 2014,³⁴ tornou possível a presença de paratextos tão ricos na obra traduzida, incluindo não apenas um prefácio composto de um texto de autoria da própria escritora, mas ainda uma série de notas do tradutor, que são elementos fundamentais à construção de sentidos durante a leitura da tradução.

³⁴ ANACAONA. *Paula Anacaona: conexões*.

Referências

- ANACAONA, Paula. *Paula Anacaona: conexões*. 2014. Entrevista. Disponível em: <<http://goo.gl/9TLltv>>. Acesso em: 25 maio 2015.
- BASTIANETTO, Patrizia Collina. As funções do paratexto para a inteligibilidade da obra traduzida. *TradTerm*, v. 11, p. 53-69, abr. 2005. Disponível em: <<http://goo.gl/7J7LKe>>. Acesso em: 15 nov. 2015.
- CARNEIRO, Teresa Dias. *Contribuições para uma teoria do paratexto do livro traduzido: caso das traduções de obras literárias francesas do Brasil a partir de meados do século XX*. 2014. 398 f. Tese (Doutorado em Letras – Estudos da Linguagem) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo por Conceição Evaristo. 2009. Disponível em: <<http://goo.gl/BOEudh>>. Acesso em: 1 jun. 2015.
- EVARISTO, Conceição. *L'Histoire de Poncia*. Traduit par Paula Anacaona e Patrick Louis. Paris: Éditions Anacaona, 2015.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza, 2006.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Translated by Paloma Martinez-Cruz. Texas: Host, 2007.
- GENETTE, Gérard. *Paratexts, Thresholds of Interpretation*. Translated by Jane E. Lewin. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- LEFEVERE, André. Translation: Its Genealogy in the West. In: BASSNETT, Susan; LEFEVERE, André. *Translation, History & Culture*. London: Pinter, 1990. p. 14-28.
- LIMA, Omar da Silva. *O comprometimento etnográfico afro-descendente das escritoras negras Conceição Evaristo & Geni Guimarães*. 2009. 172 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- MACHADO, Bárbara Araújo. “*Recordar é preciso*”: Conceição Evaristo e a intelectualidade negra no contexto do movimento negro brasileiro contemporâneo. 2014. 130 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

MARTINEZ-CRUZ, Paloma. Introduction. In: EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicencio*. Translated by Paloma Martinez-Cruz. Texas: Host, 2007. p. i-vi.

NEVES, Lucas. Negra em Salão do Livro causa furor, diz autora brasileira. *Folha de S.Paulo*, 23 mar. 2015. Disponível em: <<http://goo.gl/YgfVdQ>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. “Escrivência”: rastros biográficos em *Becos da Memória* de Conceição Evaristo. *Revista Terra Roxa e outras Terras: Revista de Estudos Literários da UEL*, Paraná, v. 17-b, p. 85-94, dez. 2009.

PESSOA, Mariluce Filizola Carneiro. *O paratexto e a visibilidade do tradutor*. 2009. 90 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

PINHO, Jorge Almeida. *O escritor invisível: a tradução tal como é vista pelos tradutores portugueses*. Lisboa: Quidnovi, 2006.

VALENTE, Marcela Iochem. *A tradução e a construção de imagens culturais: Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, e sua tradução para o inglês*. 2013. 162 f. Tese (Doutorado em Letras – Estudos da Linguagem) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

VENUTI, Lawrence. Translation as Cultural Politics: Regimes of Domestication in English. In: BAKER, Mona (Ed.). *Critical Readings in Translation Studies*. London; New York: Routledge, 2010. p. 65-79.